

## **GEOTURISMO URBANO - POSSIBILIDADES PARA A GEOCONSERVAÇÃO**

*Antonio Liccardo<sup>1</sup>; Virginio Mantesso-Neto<sup>2</sup>; Gil Francisco Piekarz<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA; <sup>2</sup> CONSELHO ESTATUAL MONUMENTOS GEOLÓGICOS - SP; <sup>3</sup> MINERAIS DO PARANÁ - MINEROPAR

**RESUMO:** Dados demográficos recentes do Brasil apontam que o número de habitantes nas cidades superou o de habitantes da zona rural, acompanhando uma tendência mundial. Com as premissas que a maior parte da população se encontra em cidades e que o geoturismo propõe a disponibilização de conhecimento geológico para as pessoas, é lógico supor que ações de divulgação sobre geoturismo e geopreservação sejam implementadas nas cidades. Pesquisas neste sentido já existem em vários países, onde guias geoturísticos apresentam as características geológicas dos atrativos naturais, da geomorfologia e das rochas usadas na construção de cidades (por exemplo, Pietre e Marmi di Firenze, livro que descreve as rochas usadas nas catedrais e monumentos de Florença e as antigas pedreiras que forneceram o material). No Brasil as idéias de geoturismo tendem a privilegiar áreas naturais, muito em função da urgência na preservação. Entretanto, mudanças acontecem na esfera cultural e, ampliar o alcance do entendimento da geodiversidade passa necessariamente pela difusão para a comunidade. Exemplos, contudo, já acontecem no Brasil: em Ouro Preto, MG, um projeto para preservação da técnica de cantaria resultou em livro (2006) que é destinado aos turistas, que já visitavam a cidade em função dos aspectos culturais. Hoje está sendo estudado um caminhamento turístico pelo centro histórico para conhecer os tipos de rocha e trabalhos de entalhe realizados. Há vários casos de geoturismo urbano ligados diretamente à arte da cantaria, como a visitação de igrejas antigas ou arquitetura colonial. Ainda em Ouro Preto, antigas galerias de mineração de ouro do século XVIII passaram recentemente a receber geoturistas. Em 2006, um levantamento de rochas ornamentais em shopping centers de São Paulo propôs o uso desta informação como atrativo cultural adicional a estes estabelecimentos, mas até o momento essas observações continuam restritas ao meio acadêmico. Em Salvador, foram colocados painéis com informação geológica em linguagem acessível, mas foram vandalizados, retirados e não substituídos. O projeto Geoturismo em Curitiba (Mineropar) foi o primeiro a adotar esta abordagem urbana para desenvolvimento do geoturismo, com atrações muito variadas e resultados expressivos, inclusive para a geoconservação. No Rio de Janeiro, os trabalhos do DRM também apresentaram abordagens ligadas ao contexto urbano da geologia. A visitação turística a cemitérios já é tradicional, por exemplo, em Paris e Buenos Aires. Estes locais apresentam forte conteúdo cultural, manifestado, entre outras maneiras, no uso para cantaria e estatuária de rochas que frequentemente refletem a geodiversidade regional. Os cemitérios de Curitiba, Ribeirão Preto e outros já têm estudos que poderão resultar em geoturismo. Em São Paulo o turismo cemiterial já é timidamente realizado, mas apenas focado nos aspectos histórico e escultórico. A proposta do geoturismo urbano é que a informação geológica, associada aos locais de visibilidade, ofereça ao observador uma possibilidade a mais de conhecer - condição básica necessária para valorizar - o meio que o rodeia. O geoturismo urbano apresenta um destacado aspecto democrático, pois as atrações estão facilmente acessíveis, a um custo menor, para um grande número de pessoas, e todas as cidades têm potencial para desenvolvê-lo.